

Registrando Memórias: a tradicional festa de São Cristóvão em Formosa do Sul, SC

Caro Visitante!

Há mais de cinquenta anos atrás viviam em Vila Formosa, localizada no oeste catarinense, sul do Brasil, algumas famílias caboclas e descendentes de italianos oriundos do Rio Grande do Sul.

Contam os moradores mais antigos que a localidade era sertão, o cenário da mata e dos animais em harmonia com a natureza.

Junto com as famílias de migrantes que chegaram para colonizar a localidade e a região oeste catarinense, emanaram aspectos da fé e da religiosidade que os acompanhavam.

O São Cristóvão, protetor dos motoristas e viajantes, segundo os depoimentos, chegou em Vila Formosa junto com a mudança do casal Luís e Maria Cella, por volta do ano de 1950.

A festividade em honra a São Cristóvão, comemorada no dia 25 de julho, é uma das mais antigas e populares da igreja católica. A palavra “Cristóvão”, de origem grega, quer dizer “condutor de Cristo”.

Assim a festa de São Cristóvão, ressignificada popularmente pelas tradições dos moradores locais, além de um momento de agradecimentos e de pedir a benção aos motoristas e agricultores, é uma ocasião de ofertar a colheita, pedir benção aos trabalhadores rurais e motoristas, que cultivam a terra e transportam os alimentos.

Sinta-se convidado a participar dessa festa de alegrias, sonhos, benções e agradecimentos. Momento de encontro, de socialização, de organização coletiva que nos inspira a “levarmos o Cristo” na Vida!

Viva a Festa de São Cristóvão!

Registrando Memórias: a tradicional festa de São Cristóvão em Formosa do Sul/SC
Proponente: Moacir Paulo Fiorese

ENTREVISTADOS:

Carlos João Cella, Rissieri Angelo Malacarne
Ida Maria Malacarne, Idovino Simonato
Jandir Ravarena, Gema Ravarena
Lourdes Assunta Pissaia, Moacir Paulo Fiorese
Neide Ana Malacarne, Terezinha Moro Lovatto
Valmor Antonio Malacarne e Vilsa Maria Corioletti

EQUIPE TÉCNICA:

Coordenação: Daiane Frigo; **Pesquisadoras:** Carmen T. Salvini e Daiane Frigo; **Redação e organização:** Carmen Tereza Salvini e Fernanda Ben; **Ilustrações:** Marcos Bettú; **Capa:** Marcos Bettú; **Diagramação:** Wagner Bozzetto; **Coordenação Editorial:** Catavento – Gestão e Produção Cultural; **Impressão:** Seritec – Pinhalzinho-SC

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURAL



APOIO:

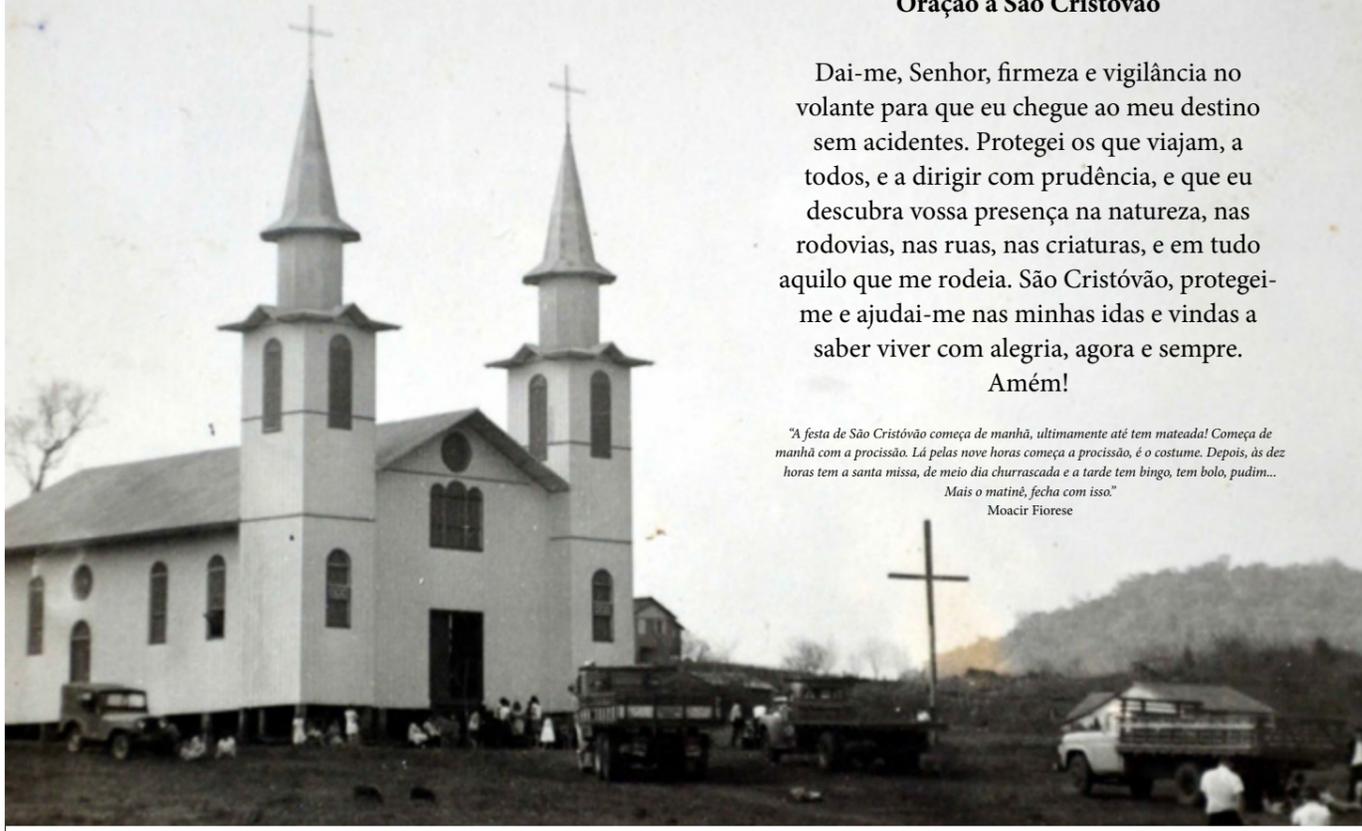


Oração à São Cristóvão

Dai-me, Senhor, firmeza e vigilância no volante para que eu chegue ao meu destino sem acidentes. Protegei os que viajam, a todos, e a dirigir com prudência, e que eu descubra vossa presença na natureza, nas rodovias, nas ruas, nas criaturas, e em tudo aquilo que me rodeia. São Cristóvão, protegei-me e ajudai-me nas minhas idas e vindas a saber viver com alegria, agora e sempre.

Amém!

"A festa de São Cristóvão começa de manhã, ultimamente até tem mateada! Começa de manhã com a procissão. Lá pelas nove horas começa a procissão, é o costume. Depois, às dez horas tem a santa missa, de meio dia churrascada e a tarde tem bingo, tem bolo, pudim... Mais o matinê, fecha com isso"
Moacir Fiorese



"Hoje o conselho se reúne, escolhe os festeiros, em torno de 18 a 20 casais. Depois esses casais se dividem por setores. O setor da carne, o setor da cozinha, o setor da bebida, da rifa, da procissão, então cada um tem a sua pasta. Depois tudo é um conjunto que trabalha."

Moacir Fiorese





“Só que o pessoal naquela época, eles preferiam bastante almoçar embaixo das árvores. Daí muitos pegavam o espeto de carne, chegavam ali, flocava o espeto no chão, sentava com a família ali em roda e almoçava por aí, comprava pão, salada e coisa.”
Valmor Malacarne



“O espeto? A gente ia no mato e cortava as vara, grossinha assim. Depois descascava ela e fazia a ponta. (...) Nós botava mais de tudo era tarumã e guabiroba.”
Ida Malacarne



“E o churrasco, naquela época, a churrasqueira a gente fazia um valo na terra, cavoucava um tanto fundo assim, mais ou menos. O dia antes da festa fazia um fogo pra esquentar um pouco a terra, enxugar a água. Depois no outro dia, fazia aquela cova de lenha e queimava. Pra colocar o churrasco em cima, a gente colocava duas, quatro forquilha, e botava uma vara de mato em cima e os espetos em cima”. “Era o espeto tudo de madeira”.
Ida Malacarne



“Churrasco e pão, bolacha, cuca, porque bolo tinha poucos que sabia fazer. Algum bolo e sagu, se a gente fazia. A gente comprava o gado, carneava fora, onde comprava e levava a carne ali.

Depois então temperava no gamelão de madeira.

E depois então a gente espetava e colocava em cima daquela cova”.

Ida e Ricieri Malacarne



“As comunidades que agora tem capelas fora, era tudo uma só né. Só tinha São Cristóvão, daí se ajudava. A gente tinha que fazer tudo. Limpar galinha, porco, gado e era arrecadado. As mulheres se ajudavam. Fazia o pão, cuca, tudo. Eram escaladas as mulheres pra limpar, depois as festeiras iam preparar. Sempre tinha uma senhora de mais idade que sabia temperar direitinho e depois serviam.”

Neide Malacarne



“Esses anos atrás a arrecadação era feita de forma assim, diferente de hoje. Então, tinha alguém escalado, passava nas famílias de carroça e arrecadava um suíno, galinha, bezerras, meia bolsa de milho, ovos. Então isso depois, no dia da festa, era leiloado. Hoje é um pouco diferente. Então essa arrecadação é feita de forma assim, a gente escala as pessoas pra doarem uma certa quantia em dinheiro, pra comprar os ingredientes, os alimentos, bolo, cuca, pudim, então é feito dessa forma hoje.”

Moacir Fiorese

“Hoje só tem o jogo do bingo, depois do almoço. Depois começa o matinê, então não tem mais aquelas cantorias que tinha esses anos atrás. Que antigamente, esses anos atrás, era o divertimento da tarde, era se reunir um grupo de mulheres ou de homens e cantar músicas antigas, italianas principalmente. Então esse era o baile da época, as cantorias das pessoas mesmo”.

Moacir Fiorese



“Os homens ficavam jogando baralho e a juventude ficava ali conversando. Também não tinha baile, essas coisas. Botava uma música lá pra passar o tempo. A gente não saía dali.”
Lourdes Assunta Pissia

“Agora que nem a tarde, embaixo das barracas, daí eles pegavam, se reunia ali em três, quatro, cantava música italiana, tocavam gaita. Daí formava aquelas cantoria italiana e aquele jogo de mora, jogava mora em cima da mesa. A diversão a maioria dos homens era isso ali, cantava e joga mora e coisa assim”.
Carlos Cella



“Os leilão que são feitos hoje, por exemplo, você coloca lá um bolo do Inter e um do Grêmio. Então você faz o leilão: quem dá mais leva o bolo. Então é uma concorrência, por causa do esporte, por causa do Internacional e do Grêmio. Então tem aqueles apaixonados pelo time, que fazem com que isso ocorra. Outro leilão que também existe, é um bolo em forma de carreta. É doada uma carreta com um bolo, então esse bolo é leiloado também no dia da festa”.

Moacir Fiorese





“Aí já começou, aquela questão dos festeiros de honra. Quando a pessoa recebe o convite pra festeiro de honra, se sente gratificada, aí ela participa. ‘Recebi convite de festeiro de honra da Festa de São Cristóvão, vou lá!’ Então, as vezes, recebe um prêmio, o festeiro de honra”.

Vilsa Corioleti



“Antigamente o que a gente fazia, aquela lembrancinha, geralmente eram os jovens que tinham que fazer a lembrancinha da festa. E aí a gente se reunia a noite na casa de alguém e fazíamos inúmeras lembrancinhas. Todo mundo que vinha ganhava a lembrancinha. A gente fazia uma fita e usa tipo um raminho de cipreste, colocava lá na fita e escrevia tudo a mão. Não tinha computador, não tinha nada naquela época”.

Vilsa Corioleti



“Se é pra mim, a Festa de São Cristóvão pode continuar até o fim da minha vida, da vida de todos. Porque o São Cristóvão é um santo muito protetor, a gente tem muita fé, porque é o protetor dos motoristas, dos colonos, de todos nós. Eu pra mim, essa festa deveria continuar a vida inteira, até que existe o mundo”.

Ida Malacarne



“Se não tivesse os motoristas e o colono, não teria os alimentos que nós temos hoje. Então essa é uma festa que o pessoal prestigia muito aqui na nossa região.”

Moacir Fiorese